Chuva S/a cidade

O INVERNO

Foi a mais estranha manhã que tenho visto no Rio, essa de sexta-feira. Depois de uma noite ~~de ira~~ veio um vento quente, de nordeste, do sul que amontoou nuvens baixas sôbre a cidade, e de súbito desfechou uma chuva forte, ~~não com jeito de chuva de manhã de pedras, como bandidos que de de verão~~ com jeito de chuva de verão. Mas sem aquela pressão e eletricidade dêsses temporais que se formam atrás das montanhas de pedras, como bandidos que se juntam para um assalto — e de súbito rebentam sôbre as casas, entre relâmpagos e trovoadas.

O temporal matutino veio com um vento quase frio, e às 11 horas da manhã o ar estava escuro e ao mesmo tempo leve como de madrugada. Na minha rua, com a tristeza das árvores podadas, o asfalto molhado tinha um reflexo tão triste, uma luz pálida de olhos de pessoa doente.

E aquela escuridão era como um dia de fim de outono na França, êsses dias em que a cidade grande assume um ar egoísta, apressado, ao mesmo tempo brutal e cheio de tédio. O inverno! Pode-se amá-lo nas montanhas cobertas de neve e de sol e nas noites urbanas, quando as mulheres esplendem entre os grandes casacos macios, no meio das luzes. Mas a rua diuturna é triste e feroz quando a neve se transforma em lama e o vento gelado esbofeteia o transeunte.

A tristeza pior, que mais de uma vez me apertou o coração, é entretanto, a dêsse fim de outono, um dêsses dias escuros, molhados e frios, que dizem que o inverno vai começar, que êle já está chegando, e que é preciso dar adeus aos bélos dias de sol em que é doce andar lentamente pelas ruas.

Essa estranha manhã do Rio me trouxe a mesma sensação dêsses dias sujos, deprimentes, do começo de inverno em Paris, em que nos dá uma vontade súbita de embarcar para um brasil qualquer em que haja luz e calor, em que a gente possa sair com um calção de banho e andar na praia, ao sol — o pobre condenado a meses de capote, "cache-col", chapéu, sapato pesado, ar cheio de fumo, e vento frio.

Mas o dia avançou um pouco e, como num milagre, as nuvens sumiram e veio um sol tão claro e fino sôbre a cidade molhada que a cidade esplendeu no ar limpo, viva como risada de criança.

E, por um instante, surpreendi nas pessoas um olhar novo, reconhecido, quase feliz, como se tivéssemos saído afinal da escuridão de um torpe, longo inverno. A cidade renascia com tanta beleza que dava vontade de fazer como na roça, e a todo ser humano que passasse dizer, com uma leve emoção — bom dia, conhecido ou desconhecido!

7/6/52 R. B.

M692